****

ISSN: 1981 - 3031

**PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NO ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**Leonara Evangelista de Figueiroa1**

leonara100@gmail.com

**Ana Patrícia da Silva Xavier 2**

anapsx@gmail.com

**Paula Roberta Galvão Simplício 3**

paularoberta.gs@gmail.com

**RESUMO**

Essa revisão teve por objetivo, organizar de maneira qualitativa uma revisão bibliográfica sobre o planejamento pedagógico no ensino superior. A partir da experiência sobre o tema da pesquisadora que já vem trabalhando com o assunto desde a graduação. Buscou-se através de revisão bibliográfica demonstrar o que os autores trazem sobre esse tema sobre o âmbito do ensino superior, quais reflexões estão sendo fundamentadas nas publicações dos últimos anos. A pesquisa foi desenvolvida nas bibliotecas do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, campus Maceió, e do Centro universitário – CESMAC/AL. A fundamentação da pesquisa foi baseada nos grandes nomes da área: Danilo Gandin, Maximiliano Menegolla, Ilza Martins Sant’ Anna entre outros. Trabalhar guiado por um planejamento faz toda diferença, no sentido de obter bons resultado, esse trabalho traz as considerações dos principais autores sobre o planejamento didático no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento. Educação Superior. Revisão.

# 1. INTRODUÇÃO

Os cursos superiores de formação de professores devem preparar com qualidade os futuros profissionais docentes, capacitando-os para o mercado de trabalho. O trabalho docente possui várias nuances, sendo imprescindível que tal profissional conheça e saiba desenvolver competências que atendam às necessidades educacionais atuais. Entre as diversas ferramentas que o docente deve conhecer está o planejamento didático.

Segundo Tardif, o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos ás ciências da educação e à pedagogia, e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos (TARDIF, 2002).

A disciplina de planejamento pedagógico está presente na formação de boa parte dos cursos de formação superior voltados para a educação, porém é importante que essa ferramenta se torne essencial no cotidiano profissional dos docentes. O planejamento pedagógico pode ser usado em diversas situações, seu maior objetivo é a busca por uma aprendizagem significativa por parte dos discentes e gerar uma boa prática docente. Nesse artigo de revisão bibliográfica fomos buscar o que os principais autores e pesquisadores tem fundamentado sobre a importância de uma aula planejada.

O planejamento pedagógico é tema de muitas pesquisas e teorias, podemos encontrar de tudo desde os defensores aos que não acreditam no seu potencial, os que não acreditam na sua funcionalidade e os que muitas vezes só o coloca em prática, única e exclusivamente, devido as exigências institucionais. Muitos autores até divergem sobre o a conceituação do tema mas não sobre sua importância.

Para Menegolla (2012, p.9) “A rejeição ao ato de planejar reside no fato de que haja uma carência de objetivos claros e bem definidos sobre a importância de tal ato”.

Planejar é algo que faz parte da espécie humana, porém, existem diversas técnicas. Na educação superior onde formam-se os futuros profissionais docentes não existe espaço para o improviso. Por isso falar sobre planejamento pedagógico será sempre importante. Além de salientar que toda discussão pedagógica possui um grande interesse que é a busca por possibilidades de aprendizagem por parte dos alunos. Essa revisão possui cunho qualitativo, descritivo e documental sobre planejamento didático.

Teve como objetivo gerar uma revisão bibliográfica sobre o planejamento pedagógico no ensino superior. Sua importância é contribuir para a reflexão acerca do tema o relacionando com o ensino superior, gerando cada vez mais discussões acerca do assunto.

# 2. DESENVOLVIMENTO

# PLANEJAMENTO: CONCEITO, HISTÓRICO E DIVERSIDADE

Discutir planejamento pedagógico é algo de extrema complexidade, porém, interessante visto que temos os mais variados conceitos e posições sobre o tema. No entanto, diante dos conceituados autores pesquisados, entendemos que a maioria concordam que planejar é intrínseco ao ser humano, porém diversas são as técnicas existentes que podem e devem ser aprimoradas. Na sequência algumas citações e considerações dos principais pensadores sobre o assunto em questão.

## 2.1 CONCEITOS DE PLANEJAMENTO

A seguir, alguns dos principais teóricos do planejamento didático, cada um com seu ponto de vista peculiar, sustentado nas suas vivencias e pesquisas sobre o tema.

Para Luckesi, (1992) “O planejamento é um conjunto de ações coordenadas visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente e econômica.” (p.121).

De maneira sucinta Luckesi traz o planejamento como um conjunto de ações com uma meta para ser atingida de maneira eficaz e eficiente. Podemos sentir as influencias industrial nesse conceito do autor, que trata o tema como algo direto e prático.

O significado do termo ‘planejamento’ é muito ambíguo, mas no seu uso trivial ele compreende a idéia de que sem um mínimo de conhecimento das condições existentes numa determinada situação e sem um esforço de previsões das alterações possíveis desta situação nenhuma ação de mudança será eficaz e eficiente, ainda que haja clareza dos objetivos dessa ação. Nesse sentido trivial, qualquer indivíduo razoavelmente equilibrado é um planejador [...]. Não há uma ‘ciência do planejamento’ nem mesmo há métodos de planejamentos gerais e abstratos que possam ser aplicados a tantas variedades de situações sociais e educacionais principalmente se considerarmos a natureza política, histórica, cultural, econômica etc. (AZANHA, 1993, p. 70-78).

O autor reconhece ambiguidade do tema, e deixa muito claro de maneira racional que caso não exista o mínimo de conhecimento técnico dos profissionais, nem condições estruturais para que a teoria possa ser colocada em prática nenhuma ação será eficaz, ou seja, para que planejamento didático possa de fato gerar resultados, todas as possibilidades de recursos humanos e físicos devem ser atendidas.

Segundo Libanêo (2002)

[...] planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos para o estudo, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem. Não há ensino verdadeiro se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais, se não assimilam pessoal e ativamente os conhecimentos ou se não dão conta de aplicá-los, seja nos exercícios e verificações feitos em classe, seja na prática da vida. (p. 08).

Nesse caso, percebe-se que o autor coloca o discente como sujeito da situação o colocando como principal alvo do planejamento didático, onde sua aprendizagem significativa é a meta ao qual deve ser buscada pelo o trabalho docente.

Segundo, Gandin (2001)

Planeja-se de todos os jeitos porque planejar é inerente ao pensar humano. Mas a utilização de conceitos, modelos, técnicas e instrumentos cientificamente fundamentados e adaptados ao que se vai planejar tem trazido resultados evidentes e compensadores (p.82).

Gandin, traz uma concepção bem diferenciada dos demais autores, colocando o planejamento como algo natural do ser humano, algo intrínseco a ele. Porém, quando se utiliza as técnicas e os recursos ideais os resultados são mais satisfatórios.

Para Fusari, (1988)

Planejamento de ensino de caracteriza como: o processo que envolve a atuação concreta dos educadores no cotidiano do seu trabalho pedagógico, envolvendo a permanente interação entre os educadores e entre os próprios educandos. (p.10)

Fusari, também se diferencia dos demais autores colocando como principal protagonista o docente, trazendo a atuação desse profissional como principal base para o sucesso da ação, além de salientar a importância das relações entre discentes e docentes para um planejamento dialógico.

Para a UNESCO (1971) “O planejamento educacional significa bem mais que a elaboração de um projeto: é um processo contínuo que engloba uma série de operações interdependentes.” (p. 14)

De maneira histórica a UNESCO, traz sua consideração sobre a importância dessa ferramenta, colocando o planejamento educacional como algo muito além de um mero projeto, mas sim um processo democrático e continuo que envolve diversos fatores.

De acordo com Menegolla (2012) “O ato de planejar é uma preocupação que envolve toda a possível ação ou qualquer empreendimento da pessoa.” (p.13)

Nesse caso o autor traz o planejamento como algo que se inicia numa preocupação sobre toda e qualquer ação do sujeito. Mas se planejar é uma preocupação, poderíamos concluir que: planeja-se pela necessidade de mudança uma vez que a situação gera preocupação. Planeja-se porque tem responsabilidades sobre as situações. Então sua necessidade surge das inquietações do processo educacional.

Segundo Padilha (2002)

Os termos ‘Planejamento’, ‘Plano’, e ‘Projeto’ têm sido compreendidos de muitas maneiras. Durante o regime autoritário (1964-1985), eles foram utilizados com um sentido autocrático. Toda decisão política era centralizada e justificada tecnicamente por tecnoburocratas à sombra do poder (p.29)

Padilha traz suas considerações sobre o tema dentro de um contexto histórico, mostrando de maneira eficaz que o planejamento pode sim ter seu sentido desvirtuado, fugindo totalmente do processo democrático sendo conduzido de maneira autoritária. Podemos colocar que essa é uma linha tênue entre a teoria e a prática do planejamento.

A flexibilização do planejamento didático é algo que ainda estamos no processo de adaptação dessa prática.

Como colocado existe uma rica diversidade sobre o conceitos referente à planejamento pedagógico. Diante de tantos conceitos, acreditamos que o planejamento pedagógico é uma ferramenta tão grandiosa para a educação que não cabe em um único conceito.

Os teóricos destoam em relação a conceituação, mas se correlacionam quanto sua importância como elemento norteador da prática docente.

## 2.2. HISTÓRICO E DIVERSIDADE DO PLANEJAMENTO

O Planejamento tem seu surgimento com o sistema capitalista, o mesmo tem suas raízes fincadas na indústria, sendo estruturado na época do Taylorismo: sendo uma concepção produtiva, fundamentada em métodos científicos de organização do trabalho, desenvolvida pelo engenheiro americano Frederick W. Taylor (1856-1915).

Sendo absorvido pela gestão educacional, é impossível não perceber traços do planejamento industrial nos diversos tipos de planejamentos pedagógicos. Definitivamente as instituições de ensino superior apresentam características que permeiam com o mundo industrial. É comum nesses ambientes o uso dos termos: plano, projeto e planejamento.

Os termos “Planejamento”, “Plano”, e “Projeto” têm sido compreendidos de muitas maneiras. Durante o regime autoritário (1964-1985), eles foram utilizados com um sentido autocrático. Toda decisão política era centralizada e justificada tecnicamente por tecnoburocratas à sombra do poder (PADILHA, 2002, p. 29).

Sancionada em 20 de dezembro de 1996, a LDB determinou que o MEC encaminhasse ao Congresso Nacional, a proposta do Plano Nacional de Educação. Depois de muitas discussões e desentendimentos entre educadores e políticos o PNE só foi aprovado em uma sessão especial pela Lei nº 172/2001. Com vigência de 10 anos 2001-2010.

O Plano Nacional de Educação 2011-2020, teve suas peculiaridades, pois diferentemente dos demais, foi organizado em cima de muita discussão social, para alguns teóricos esse foi o plano que de fato pode ser chamado de estratégico e participativo. Porém, em junho de 2014 um novo PNE foi aprovado através da Lei. N. 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. Visando concretizar as metas o prazo foi estendido para 2024.

É fato que além da diversidade de conceitos temos uma diversidade de tipos de planejamentos, que até se correlacionam porém se adequam as especificidades do seu contexto.

Entre os mais famosos estão o Plano Nacional da Educação-(PNE) – Lei nº 13.005/2014. O Plano Estadual de Educação de Alagoas; Lei 6.757/2006, e o Plano Municipal de Educação (Maceió) Lei 6.493/15.

Ambos determinam diretrizes, metas e estratégias para a educação. O plano nacional tem validade de 10 anos, o PNE em validade foi aprovado em 2014 se estendendo até 2024. Os demais planos seja o do estado ou do município deve sempre ter como base estrutural o PNE, porém devem atender as peculiaridades de sua região.

Existem diversos tipos de planejamento educacional, sendo improvável desvincular suas atuações, no entanto, essa revisão se ateve mais ao planejamento pedagógico ou plano de aula. Planejamento de aula se caracteriza como sendo:

A proposta de trabalho do professor para uma determinada aula ou conjunto de aulas (por isto chamado também de plano de unidade). Corresponde ao nível de maior detalhamento e objetividade do processo de planejamento didático. É a orientação para o que fazer no cotidiano. (VASCONCELOS, 2000, p. 148).

Colocando de maneira provocativa, entendemos que o plano de aula é uma tentativa de previsão de acontecimentos estruturada em quatro etapas: diagnóstico, elaboração, prática e avaliação.

Para alguns fundamentadores da educação o plano de aula se constrói em as etapas de: diagnóstico, organização, execução e avaliação do plano.

O ato de planejar requer habilidade para prever uma ação que se realizará posteriormente, por isso se exige uma acertada e racional previsão de todos os meios e recursos necessários nas diferentes etapas do planejamento, do seu desenvolvimento e da sua efetiva execução, para alcançar os objetivos desejados.

(MENEGOLLA; SANT’ANA,2012.p 17).

Diante de tamanho desafio que é a prática do planejamento de aula, cabe o seguinte questionamento: nossos planejamentos possuem condições objetivas de trabalho? Considerando a realidade das diversas instituições de ensino superior espalhada pelo o país podemos dizer que não e tarefa fácil porém, possível se acreditamos que o principal elemento desse contexto é o professor, que precisa se enxergar como sujeito capaz de ser um dos protagonista desse processo.

# 3. PLANEJAMENTO DIDÁTICO E O TRABALHO DOCENTE

O trabalho docente é algo que necessita de muitas problematizações, estamos falando de sujeitos que trabalham na formação de outros. É impossível negligenciar as influencias que as representações sociais dos indivíduos que fazem parte desse ambiente tem sobre a formação social e profissional um dos outros.

As instituições de ensino profissional possuem características voltadas para a adequação ao mercado de trabalho, muitos teóricos sociais criticam esse viés porém, essa é a realidade. O sujeito inicia sua vida acadêmica nessas instituições na maioria das vezes com uma formação social completa, tendo a formação profissional como única meta. No entanto, uma coisa está atrelada a outra, quando estamos nos formando um profissional também estamos modificando suas percepções sociais do mundo.

E nesse contexto tão delicado de relações e subjetividades humanas está o sujeito docente, onde temos: instituições embasadas na manutenção da organização social e manutenção do mercado de trabalho, o trabalho docente e o planejamento didático. Todos estão vinculados de maneira equivalentes, sendo improvável seu desmembramento.

Como já citado o planejamento possui suas raízes e diretrizes na organização econômica social. Ou seja, trabalho docente, formação profissional e planejamento didático são entrelaçados.

A educação não termina quando o aluno se forma na escola tradicional. Na antiga economia, a vida de um indivíduo era dividida em dois períodos: aquele que ia para a escola e o posterior a sua formatura, em que começava a trabalhar. Agora espera-se que os trabalhadores construam sua base de conhecimento ao longo da vida” (Meister, 1999, p.23).

Nesse contexto já pré-determinado pelas circunstâncias das necessidades econômicas, podemos de maneira provocativa até fazer uma inversão de processos, se cabe ao professor elaborar seus planejamentos com eficácia visando uma boa formação profissional de seus alunos, cabe o seguinte questionamento: esse profissional conhece sobre seu próprio trabalho? Conhece as técnicas corretas para utilização dessa ferramenta? Ele sabe de fato onde quer chegar? Ou ele faz de maneira mecânica no sentido de atender as demandas do próprio sistema capitalista, sem de fato conhecer o sentido de sua ação. Mas se ele for conhecedor desse real sentido, é factível desvincular o planejamento didático da necessidade de atender ao mercado? São muitos questionamento, que geram discussões e colocações pertinentes de quem se dedica ao assunto.

Diante tamanha discussão, Gasparin traz,

À primeira vista, parece que os professores perderam suas funções de transmissores e construtores de conhecimentos. As profundas mudanças que se estão processando na sociedade dão a impressão de que eles são dispensáveis e podem ser substituídos por computadores e outros equipamentos tecnológicos, por meio dos quais o educando adquire conhecimentos. Todavia, quando se buscam mudanças efetivas na sala de aula e na sociedade, de imediato se pensa no mestre tanto do ponto de vista didáticopedagógico quanto político. Não se dispensam as tecnologias, pelo contrário, exige-se, cada vez mais, sua presença na escola, mas como meios auxiliares e não como substitutos dos professores. (GASPARIN, 2005, p.1)

Portanto, precisa-se cada vez mais refletir sobre a importância do docente como sujeito capaz, colocando-o como protagonista do processo. É preciso que esses indivíduos percebam sua importância neste último, o planejamento ajuda a concretizar algo que foi almejado, e quando se tem profissionais valorizados e conhecedores de suas capacidades intelectuais, os objetivos almejados são elevados, gerando assim ações que possam interferir na realidade. A importância do trabalho docente está fundamenta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a já mencionada Lei nº 9394/96.

Art. 13º. Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III - zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

O planejamento didático por parte do docente ainda é um desafio, para ele, para instituição e principalmente para a tradição de fazer do plano uma mera ferramenta burocrática.

Muita coisa mudaria se fossem disponibilizados para os profissionais da educação os conhecimentos e possibilidades de utilizar esse artifício como seu principal aliado pela busca do bom desempenho de seus alunos e do bom desenvolvimento do seu trabalho como formador profissional e social de indivíduos.

O planejamento didático é algo que ainda requer muitas reflexões e ações, talvez o início de seu sucesso esteja nas mudanças de posturas, sejam elas institucionais, governamentais ou pessoais.

# 4. ALGUMAS REFLEXÕES COMPLEMENTARES SOBRE O PLANEJAMENTO

A revisão bibliográfica, é a base para qualquer pesquisa. É impossível pesquisa ou discutir sobre algo que não se conhece. No caso do planejamento didático, como colocado no trabalho diversas são as teorias e autores que trazem considerações referente ao tema, podemos colocar que: é um tema extremamente discutido, porém nesse contexto percebemos uma falta de coesão entre algumas teorias ou conceitos de planejamento didático, entretanto, sua importância fica evidenciada pela discussão que existe sobre a ferramenta.

É perceptível que muitas vezes o conceito de planejamento didático ou institucional se entrelaça com os planejamentos industriais, mas isso pode ser considerado relevante uma vez que o mesmo migrou do mundo industrial para o campo educacional. Porém, é importante que os pensadores da educação busquem a identificação dessa ferramenta ou teoria no ambiente educacional. Não queremos separar a instituição de ensino do sistema capitalista, sabemos que isso é algo inexequível visto que a mesma é parte do todo dessa sociedade. No entanto, as instituições devem sempre buscar sua identidade como fonte formadora antes de qualquer coisa de pessoas e não apenas profissionais.

Outro ponto a ser discutido é que diante essa diversidade de teorias, conceitos e concepções sobre o tema, ocorre uma abertura ou oportunidade para o docente e as instituições buscarem em qual teoria sustenta-se sua identificação profissional. Talvez esse seja o ponto positivo dessa falta de homogeneidade bibliográfica sobre o assunto.

Entre tantos conceitos e discussões cada profissional deve buscar sua identificação, o que não é mais aceitável é o improviso, principalmente quando estamos tratando da formação de profissionais que quando estiverem atuando no mercado de trabalho vão lidar diretamente com a formação de pessoas.

# 5. CONCLUSÃO

Não se evidenciou a existência de uma coesão conceitual ou política entre os autores e pesquisadores acerca do tema abordado e, muito menos, entre os tipos de planejamentos que se deveriam delinear no campo dessas discussões. Entretanto constatou-se que, cada vez mais, o planejamento vem sendo colocado como algo essencial para o sucesso do trabalho docente.

Na atualidade, o planejamento de ensino tem sido o motivo de discussões e reposicionamentos de muitos pensadores e pesquisadores da educação. Algo extremamente válido uma vez que busca-se a melhoria do trabalho docente e do bom desenvolvimento do discente. Não se aceita mais uma educação onde o profissional não se planeja, nem conhece seus recursos humanos e materiais, não buscando por bons resultados. Á busca pela aprendizagem significativa está em total crescente no campo da educação.

Diante de tal importância diversos são os pesquisadores que se debruçam sobre esse tema, no todo consideramos que planejamento didático é uma ferramenta essencial para o trabalho docente, sendo considerado uma ligação entre teoria e a prática.

Não se deve trabalhar no ambiente de formação de pessoas sem um planejamento baseado em um diagnóstico que tenha sido feito pelo o profissional docente. Afinal, planejar é algo que todos fazemos independentemente de conhecer a técnica ou não, mas planejar de maneira satisfatória requer conhecimento sobre o assunto. Consideramos a pesquisa como algo inacabado e aqui deixamos como considerações a necessidade de mais discussões sobre o tema.

Desse modo, defendemos que o planejamento deve sim ser essencial no cotidiano dos profissionais da educação, não devendo, jamais, ser mera burocracia, muito menos ser algo engessado que não possa ser flexibilizado durante seu processo, sendo o diagnóstico e a avaliação ao final de cada trabalho realizado algo essencial para seu aperfeiçoamento.

# REFERÊNCIAS

AZANHA, José Mário. Política e Planos de Educação no Brasil: alguns pontos para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**, n.85. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1993 a. pp. 70-78.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: . Acesso em: 17 dez. 2010.

FUSARI, José C. **O papel do planejamento na formação do educador**. São Paulo: SE/CENP, 1988.

GANDIN, Danilo. (2001). **A Prática do Planejamento Participativo**. Petrópolis: Vozes, 8ª ed, 2001.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática Para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3. ed. Ver. – Campinas, SP: autores Associados, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Didática: velhos e novos Temas**. Goiânia: Edição do autor, 2002. 134 p.

LUCKESI, C.C. **planejamento e Avaliação escolar**: articulação e necessária determinação ideológica. IN: O diretor articulador do projeto da escola. Borges, Silva Abel. São Paulo, 1992. FDE. Diretoria Técnica. Série Idéias nº 15.

MEISTER, Jeanne C**. Educação corporativa: A Gestão do Capital Intelectual Através das Universidades Corporativas**. São Paulo: Pearson Makron Books, 1999.

MENEGOLLA, Maximiliano, llza Martins Sant’ Anna. **Por que planejar? : como planejar?**: currículo-área-aula.-21ed. Petrópolis, RJ:VOZES, 2012.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola.** 4. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002. ( Guia da escola cidadâ; v.7).

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ:VOZES, 2002.

UNESCO. **Planificação da educação.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

VASCONCELLOS, Celso S. **Planejamento: Projeto de Ensino- Aprendizagem e projeto Politico Pedagógico.** 9 ed. São Paulo: Libertad. 2000.